

Proposta e percalço

NO Brasil, muito raramente as políticas educacionais vêm acompanhadas de um projeto pedagógico. Essa prática contradiz a índole da educação, um processo dinâmico, de criação contínua.

OUVE-SE muito das autoridades públicas responsáveis pela educação, a descrição do que estão fazendo. E quase nada sobre os propósitos daquilo que estão fazendo.

FOGE a esse atavismo a Empresa Municipal de Multimêlos, inaugurada pela Prefeitura do Rio no final de julho. Não tanto por estar criando programas educativos para a rede pública municipal, a maior do mundo, com suas 1.035 escolas. Nem por seus programas para capacitação de professores. Mas por ser a Multimêlos o órgão operacional de um projeto pedagógico.

ESTE, elaborado pela secretária Regina de Assis e sua equipe, parte de uma dupla constatação. Primeiro, que a universidade brasileira parou, em sua missão de produzir modelos de se ensinar, enquanto a sociedade brasileira se modificava profundamente. Isso quando não se trancou na arrogância acadêmica de dar suas fórmulas como únicas; únicas e definitivas. Segundo, que uma das evoluções mais marcantes dessa sociedade foi na área da expressão e da comunicação humanas, com o rádio, o vídeo, a TV e o com-

putador. Daí ser mais fácil encontrar, no magro equipamento de um barraco, um aparelho de TV que uma mesa; e uma criança gastar seu dinheirinho no interativo de um fliperama que comprando um livro.

ABRIU-SE, assim, um vácuo enorme entre a educação escolarizada e o mundo. Com depreciação ou perda do estatuto social do professor, de que sua proletarização é um dos aspectos: quase ninguém se sensibiliza com uma escola de pouca serventia; e conseqüentemente, quase ninguém é capaz de gesto eficaz para a correção da imoralidade que é o salário do professor — de Primeiro Grau, sobretudo. Quanto aos alunos, eles encontraram a maneira de cobrir esse vácuo, transpondo-o. Passam para o outro lado, o do mundo, através do abandono da escola. Dois terços dos alunos da rede pública municipal não chegam ao final do Primeiro Grau. Esse apelo do mundo se faz sentir mais sobre os meninos (70%) do que sobre as meninas (50%). Compreende-se o quadro: em nossa sociedade, na divisão das tarefas por sexo, o sexo feminino leva a pior. Mas, por quanto tempo será ainda assim?

RECONHECENDO o quanto mudou nossa sociedade e o quanto a escola dela se dissolceu, a proposta da Secretaria municipal de Educação articula princípios educativos fundamentais — meio ambien-

te, trabalho, cultura e linguagens — e núcleos conceituais — identidade, espaço, tempo e transformação. Exemplificando: é preciso que o aluno se encontre (identidade) em seu meio ambiente, físico e social; que antecipe, mesmo em nível de Primeiro Grau, a construção de si mesmo através da atividade construtiva (trabalho); que se identifique dentro do pluralismo das manifestações (cultura); e que aproprie as linguagens que esse pluralismo cultural introduz e impõe.

EM síntese, essa proposta política quer ensinar a ser, base indispensável de valores, individuais, como a liberdade; e coletivos, como a cidadania e a solidariedade. Ensinar a ser o sujeito da própria vida, atento ao tempo e às transformações.

DE tão inovadora e revolucionária, essa proposta leva uma contrapartida indispensável a sua viabilização: além do professor qualificado e motivado, o compromisso da sociedade toda com a educação. Ai está seu percalço. O Rio está longe da Europa, onde a educação é financiada nacionalmente; e mais distante ainda de Tóquio, onde os responsáveis pela educação se situam acima dos próprios governos. Eles têm um mandato que deriva do Estado e que independe dos governos, o que assegura independência e continuidade de ação.